

TRADUÇÃO DO ARTIGO “NA ESCOLA: O QUE FAZER DEPOIS DO VÍRUS?”

Patrícia Dalla Torre*
Janaina Jenifer de Sales**

DUBET, François. À l'école: que faire après le virus? *Esprit*, Paris, nº888, 108-114, maio, 2020. The Fab Charter. Fabcentral, 2024. Disponível em <<http://fab.cba.mit.edu/about/charter/>>. Acesso em: 20/02/2024.

Apresentação da tradução

A presente tradução contempla o artigo “À l'école: que faire après le virus?” (Dubet, 2020), de François Dubet, professor emérito de Sociologia da Universidade de Bordeaux II, na França. O texto foi originalmente publicado em maio de 2020 na revista francesa “Esprit: Comprendre le Monde qui Vient”, fundada em 1932 e dirigida por Anne-Lorraine Bujon. No artigo, Dubet propõe uma reflexão sobre o ambiente escolar, bem como sobre o ensino e a aprendizagem no contexto da Educação Básica francesa, tendo em vista as consequências do confinamento e do ensino remoto somadas aos desafios que a escola já enfrentava mesmo antes da pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Escola; Ensino; Professor; Covid-19.

O confinamento da primavera de 2022 revelou o que já se sabia: nem todos os alunos têm um computador à disposição, nem pais capazes de ajudá-los. Por outro lado, ele também confirmou a inventividade dos professores e convida ao questionamento sobre o que está por vir a respeito da organização do tempo escolar, das desigualdades e do papel do digital.

Nada será como antes! A Covid-19 nos ensinou a solidariedade: as profissões e os trabalhos menos valorizados são tão indispensáveis para a nossa sobrevivência e à nossa vida social quanto os mais valorizados. Nós descobrimos o quanto a mundialização era frágil à

* Doutoranda em Letras da Faculdade de Ciências e Letras, campus de Assis (FCLAs)-Bolsista FAPESP-Doutorado. E-mail: patricia.torre@unesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6037-8927>.

** Profa. Dra. do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: janaina.sales@uel.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7699-676X>.

medida em que fomos nos tornando ainda mais dependentes uns dos outros, ao lidarmos com um vírus suficientemente democrático para ameaçar os países mais ricos. Talvez, nós tenhamos, também, descoberto as virtudes da sobriedade renunciando a consumir cada vez mais e cada vez pior. Talvez, também, nós tenhamos aprendido que se pode “trabalhar de outra forma”. Na escola, nada será como antes e o vírus terá mudado nossas maneiras de ensinar e de educar. Esse é o cenário otimista.

Claro, pode-se imaginar que tudo volte a ser como antes, mas, pior. Nós retomaremos nossos velhos hábitos e nossas velhas lutas em uma situação econômica tão difícil quanto o ódio, o ressentimento e os egoísmos que segmentarão, ainda mais, a sociedade. Com a explosão do desemprego e a queda do PIB, cada um lutará para recuperar a situação “de antes”, até a próxima crise. No que diz respeito à escola, nós esqueceremos os três meses de confinamento para reencontrar o mais rápido possível nossas lutas, nossas rotinas, nossas provas, nossos programas e nossas maneiras de selecionar os alunos - o que seria lamentável, porque nós poderíamos fazer alguma coisa a partir dessa crise.

1. O que o vírus revelou

O vírus revelou uma capacidade de mobilização, uma generosidade e uma inventividade vinda da maior parte dos professores, o que nenhum ministro teria obtido, se não dando-lhes um aumento, a partir de decretos, de algumas fiscalizações e de muita negociação. Claro, nenhum professor se propôs a um novo ofício. Mas, de um dia para o outro ou quase, os cursos tornaram-se online, os alunos receberam fichas e exercícios, os pais foram apenas informados. Os grupos de trabalho se formaram entre os alunos e os professores, que telefonaram para seus alunos e aceitaram atendê-los de volta. Do grande trajeto do maternal à universidade, os professores não puderam ignorar seus alunos da educação básica e do ensino superior. Eles chegaram a se interessar pelas suas condições de vida e de trabalho. Descobriu-se o que já se sabia: nem todos os alunos têm um computador à disposição, nem todos têm pais capazes de ajudá-los, nem todos têm um quarto ou um “canto reservado a eles” para fazer as tarefas.

Será, sem dúvida, muito difícil avaliar a eficácia pedagógica dessa maneira de ensinar e de acompanhar os alunos: não poderá ser feita uma análise comparada em dupla ocultação, já que todos foram confinados. Mas, parece certo que a maioria dos alunos do ensino básico e estudantes universitários não se sentiram abandonados e cada um “se virou” para continuar seu trabalho e garantir uma presença virtual. Durante algumas horas por dia, o acompanhamento dos professores, provavelmente, ajudou muito os alunos a suportarem melhor a vacuidade do Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.10, n.14, p.67-73, 2024 (Ano de Publicação 2026).

confinamento. Assim como os professores, os alunos foram submetidos ao teletrabalho, a maioria deles já estando em suas redes como o WhatsApp, Facebook, bem como em outras plataformas. É verossimilhante que os alunos do ensino básico e superior trabalharam muito mais juntos do que comumente trabalham. Enquanto o trabalho escolar é frequentemente solitário, o confinamento dos alunos, talvez, tenha tornado esse trabalho mais coletivo do que nunca.

Em junho de 2019, os professores guardavam suas cópias do *bac*¹ para protestarem contra o novo formato de prova. Para muitos deles, a avaliação escrita contínua assinalava o fim da igualdade republicana diante dos exames. Mas, perante a ansiedade dos alunos e improvável retomada das aulas em maio de 2020, a decisão do ministro de aplicação do *bac* de forma contínua foi bem recebida pelos sindicatos. Foram circunstâncias excepcionais, sem dúvida, mas, tal acordo foi único na história da educação nacional: o ministério e sua burocracia perdendo a mão; o sindicato não tendo mais capacidade de construir reivindicações e de se mobilizar; tudo se passou como se os professores pudessem contar somente com eles mesmos; como se a consciência profissional, o vínculo com os alunos, o sentido do serviço público tivesse se modificado, dado que as regras, os horários estabelecidos, as hierarquias e os procedimentos tivessem brutalmente perdido o significado. Muitos dos professores fizeram o que eles nunca haviam imaginado fazer e, provavelmente, o que eles teriam se recusado a fazer se uma reforma lhes tivesse sido imposta.

2. Claro!

Claro, seria absurdo pensar que as semanas de confinamento inauguram uma nova era pedagógica, mas, elas revelaram e trouxeram múltiplos problemas. Começamos pelo que é mais evidente. Toda a vida familiar é regrada pela escola em uma sociedade em que os dois pais trabalham. Toda a vida econômica também é: se não há mais escola, não há mais centros de lazer, não há mais creches, não há mais clubes esportivos... então, toda a vida de trabalho está desorganizada. Os economistas poderiam, sem dúvida, calcular o impacto do fechamento das escolas sobre o PIB.

É evidente que os alunos não são iguais perante a escola, e eles o são ainda menos quando a escola se faz em casa. É provável que mais de 10% dos alunos foram “perdidos”, não receberam as mensagens dos professores, nem os responderam. Nem todos os alunos têm um

¹ “Bac” se refere ao “Baccalauréat”, exame que marca o fim do segundo ciclo de ensino do segundo grau (ensino médio) e permite o acesso ao ensino na universidade. (N.T.)
Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.10, n.14, p.67-73, 2024 (Ano de Publicação 2026).

computador disponível, nem todos ficaram confinados em boas condições e é plausível que os alunos da escola básica e os do ensino superior, que se desligavam pouco a pouco, e sem que isso fosse visto, desliguem-se ainda mais. Sabe-se, também, que a mobilização dos pais diante da escola virtual aprofunda, consideravelmente, as desigualdades escolares: seja em razão dos pais que têm o tempo e as competências, ou dos que não têm nem um, nem outro. Apostemos que os filhos de executivos e de professores ultrapassarão ainda mais as diferenças com a escola em casa.

Outra evidência é que a educação e as aprendizagens são aspectos das relações e da vida social. Aprende-se com os outros, às vezes, contra, mas, raramente, sozinho. A escola é, antes de tudo, uma forma de vida coletiva, vincula-se mais frequentemente aos colegas da escola do que a seus professores. Os alunos, pequenos e grandes, são muito engajados nessa vida social onde se desenvolvem as amizades e os amores, onde se afirmam os gostos e as personalidades, um mundo onde se cresce junto. Sabe-se, também, que a relação pedagógica é bem mais que uma simples transmissão de saberes: os professores gostariam de captar o interesse dos alunos, os alunos gostariam de admirar seus professores, e mesmo quando ela não funciona bem, a educação permanece sendo uma relação. Em poucas palavras, uma escola virtual não será uma escola.

3. E no entanto

A escola em casa não é escola, então, ela não a substituirá. Mas deve-se, no entanto, voltar à situação anterior e agir como se nada tivesse acontecido?

Nós poderíamos, por exemplo, interrogar-nos sobre a articulação entre os calendários escolares, entre as vidas das famílias e das jornadas de trabalho. O que muitos descobrem, hoje, como uma pressão insuportável, ter as crianças e os adolescentes em casa tendo que trabalhar, é uma situação banal para todas as famílias que são privadas das pequenas férias de outono, de inverno e de primavera, para essas famílias que não podem contar nem com os avós, nem com um cônjuge e nem com os serviços públicos. Ninguém poderá ignorar o que todas essas “pequenas” desigualdades que parecem banais e “normais” são, na verdade, decisivas, uma vez que a questão dos “ritmos escolares” foi determinada em detrimento das famílias mais modestas. A articulação dos tempos escolares, dos tempos familiares e das jornadas de trabalho poderia ser repensada.

Se não é preciso dizer que a escola em casa é mais desigual que a escola na escola, tampouco, pode-se esquecer que a escola na escola está longe de ser igualitária tanto quanto se Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.10, n.14, p.67-73, 2024 (Ano de Publicação 2026).

pretende, sobretudo, quando ela delega o trabalho escolar para as famílias. O que ela faz de maneira rotineira. Até esse momento, não nos preocupávamos com os alunos com menos acesso à internet, com pais ausentes ou ocupados, sequer, parecíamos espantados com os pais dos alunos do ensino fundamental e médio se mobilizando todos os finais de semana para fazer em família os exercícios, as apresentações e as dissertações. Ainda pior, quando se pedia aos pais para ajudarem seus filhos, esse trabalho familiar parecia perfeitamente normal. Não mais do que parecíamos escandalizados pelas filiais europeias das quais os alunos se beneficiam, por suas famílias ou pela escola, de múltiplas jornadas linguísticas e de um entrelugar cultural e social particularmente favorável... Mesmo se a escola em casa acentua essas desigualdades, o retorno à normalidade será, sem dúvida, aquele das desigualdades escolares do qual se sabe que elas são particularmente elevadas na França a despeito de um sistema formalmente homogêneo e igualitário.

É preciso que os alunos e os professores se encontrem juntos na escola, uma vez que se trata de um coletivo que educa e instrui. A escola na escola, ainda, é melhor do que a escola virtual e do que a escola em casa. Entretanto, a escola francesa não é a mais acolhedora e a mais democrática que existe. Muito frequentemente, na escola, a vida juvenil e a vida escolar coexistem em uma indiferença relativa, quando não em uma surda hostilidade. Sabe-se que os alunos e os estudantes franceses se distinguem de seus colegas europeus por terem uma confiança muito frágil neles mesmos. Se os estudantes franceses se mobilizam de bom grado contra os projetos de reforma, por outro lado, a participação deles na vida universitária permanece insignificante, como mostram as pequenas taxas de votantes nas eleições universitárias. De maneira geral, as pesquisas nos mostram que a escola enfrenta problemas para instaurar a confiança nos valores da democracia. Mais precisamente, somente os mais diplomados, os vencedores da competição escolar, aderem profundamente aos valores democráticos e se engajam em uma vida associativa e política, enquanto os outros desconfiam, e que aqueles que falham se voltam contra os valores propagados pela escola. Não se pode dizer que o longo período de massificação escolar foi acompanhado por uma confiança crescente na democracia e na razão.

O retorno à normalidade, certamente, não será o retorno para a melhor das escolas, assim como o retorno das formas canônicas do *baccalauréat* não será calcado na justiça e nem na objetividade dos julgamentos escolares. O paradoxo do *baccalauréat* não será reduzido, considerando que ele permanecerá sendo um certificado do fim dos estudos da educação básica

adquiridos por 80% dos jovens e um concurso velado para acesso ao ensino superior em função das opções, das notas, das ambições das famílias e... da avaliação contínua.

O culto ao diploma nacional é dos mais estranhos já que, no ensino superior, os professores avaliam “seus” próprios alunos de acordo com modalidades “locais” e que os diplomas permanecem “nacionais”. Seja enquanto exame nacional ou avaliação contínua, o problema dos alunos continuará o mesmo: como saber o que se quer fazer, como se orientar positivamente e não se submeter às hierarquias escolares que desvalorizam, sistematicamente, as formações técnicas e profissionais, cuja crise da Covid-19 nos lembra que elas não são menos necessárias do que as formações de maior prestígio social.

4. Imaginemos

Imaginemos que amanhã, nós sejamos capazes de equipar todos os estudantes do ensino fundamental II e médio de um computador que cada um possa conectá-lo à internet. Imaginemos que os professores também estejam equipados e amparados por um mínimo conhecimento digital em cada estabelecimento de ensino. Pode-se pensar que o trabalho escolar mudará de natureza: os alunos acessarão cursos e aulas *online*, assim, os exercícios serão entregues e devolvidos aos alunos. Como cada professor terá uma relação individual com seus alunos, ele não poderá ignorar o que os pais fazem e o que não podem fazer. Eu não me refiro aqui a nenhum paraíso tecnológico, mas, ao que já se faz e cada vez mais, desde que o ministério e a hierarquia não o tornem uma obrigação. Por que, na universidade, manter anfiteatros de 500 alunos que deverão, de toda maneira, obter apostilas, por que manter cursos com grande número de alunos, cuja função oculta é, sem dúvida, desprezar a maioria?

Imaginemos que o tempo usado dessa forma seja consagrado ao que a escola francesa dificilmente faz: *fazer* alguma coisa, e alguma coisa junto. De longe, os alunos franceses são aqueles que declaram mais frequentemente estudar sozinhos e aprender lições com um único objetivo: serem aprovados nas avaliações. O tempo escolar liberado poderia ser utilizado para “fazer coisas”: fazer experimentos científicos, escrever textos e fazer teatro, promover “oficinas digitais”², falar línguas estrangeiras, descobrir profissões e atividades profissionais, praticar esportes na escola e não unicamente na aula de “educação física”, tocar música... Aqui, a presença dos professores é indispensável, ela renova seu ofício, ela está suscetível a motivar os

² No texto original, “Fab Labs” referem-se a uma rede global de laboratórios locais que fornecem acesso a ferramentas para produção e educação digital. (FABCENTRAL, 2024, N.T.)

alunos e a ensinar-lhes a falar e a viver juntos no coração da escola, não somente nas margens da vida escolar, não somente nas atividades “extracurriculares”.

Hoje, a aprendizagem da cidadania não pode se restringir às aulas de história e instrução cívica. Ela deve ser uma experiência de vida comum, uma experiência democrática, uma experiência da tolerância e do engajamento exigindo uma ampliação da sua presença nos estabelecimentos de ensino.

De tudo isso nada é utópico, estabelecimentos mais ou menos experimentais já aderem a esse tipo de ensino e o nível dos alunos nestes espaços é muito mais alto do que nos estabelecimentos mais conformistas. Nós estamos bem alocados, na França, por saber que homogeneidade formal do sistema escolar, os mesmos horários, os mesmos exames, a promoção dos mesmos métodos, certamente não é um fator de eficácia, de igualdade e de justiça escolares. Mais do que contar com a excelência dos nossos princípios e das nossas regras, melhor seria apoiar-se sobre a mobilização, a inventividade e o entusiasmo dos professores e das equipes educativas.

A tendência de retornar à situação anterior será, certamente, das mais fortes. Cada um desejará reencontrar uma forma de segurança e ao sair de uma crise, a escola acreditará, sem dúvida, mais ainda nos mitos que ela gosta de criar sobre ela mesma. Entretanto, não se deveria esquecer uma das novidades dessa crise escolar: a capacidade de engajamento, de generosidade e de invenção dos professores. Ela mostra que a escola pode mudar, sob a condição de que o ministério dê um pouco de liberdade aos professores e às equipes, sob condição, também, de que a crise não nos conduza a idealizar nosso sistema escolar “de antes”. Nesse caso, por um estranho artifício da história, o vírus teria realizado o que nem os políticos, nem os sindicatos foram capazes de cumprir: fazer com que nossa escola seja um pouco menos desigual e fazer com que ela eduque um pouco melhor. Nada nos impede de sonhar!

DUBET, François. À l'école: que faire après le virus? *Esprit*, Paris, n°888, 108-114, maio, 2020. The Fab Charter. Fabcentral, 2024. Disponível em <<http://fab.cba.mit.edu/about/charter/>>. Acesso em: 20/02/2024.